

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA  
1 e 12 de Abril de 2023  
A CINEMATECA COM A FESTA DO CINEMA ITALIANO  
– A CRÍTICA POLÍTICA SEGUNDO ELIO PETRI

## INDAGINE SU UN CIDADINO AL DI SOPRA DE OGNI SOSPETTO / 1970 Inquérito a Um Cidadão Acima de Qualquer Suspeita

*Um filme de Elio Petri*

*Argumento:* Elio Petri e Ugo Pirro / *Diretor de Fotografia (35 mm, cor):* Luigi Kuveiller / *Direção artística:* Carlo Egidi / *Cenários:* Romano Cardarelli / *Figurinos:* Angela Sammaciccia / *Música:* Ennio Morricone / *Montagem:* Ruggero Mastroianni / *Som:* Mario Bramonti (gravação), Mario Amari (misturas) / *Interpretação:* Gian Maria Volontè (*Il Dottore*), Florinda Bolkan (*Augusta Terzi*), Gianni Santuccio (*o investigador*), Orazio Orlando (*Bigliá*), Sergio Tramonti (*Antonio Pace*), Arturo Dominici (*Mangano*), Aldo Rendine (*Nicola Panunzio*), Massimo Foschi (*o marido de Augusta*), Aleka Paizi (*a criada do inspector*), Vittorio Duse (*Canes*), Pino Patti (*chefe do serviço de gravações telefônicas*), Salvo Randone (*o canalizador*), Elio Petri (*polícia que dorme durante o discurso do Dottore*).

*Produção:* Marina Cicogna e Daniele Senatore, para Vera Films (Roma) / *Cópia:* 35 mm, versão original com legendas eletrônicas em português / *Duração:* 115 minutos / *Estreia mundial:* 9 de Fevereiro de 1970 / *Estreia em Portugal:* Lisboa (cinema Castil), Julho de 1974 / *Primeira apresentação na Cinemateca:* 17 de Julho de 2010, no âmbito da rubrica “História Permanente do Cinema”.

### Sessão de dia 1 com apresentação

\*\*\*\*\*

**Indagine si un Citadino al di sopra de Ogni Sospetto** foi realizado num momento em que havia uma certa moda dos títulos longos em França e em Itália, países que co-produziam diversos filmes por ano no âmbito de um acordo global. São exemplos desta moda **Faut Pas Prendre les Enfants du Bon Dieu pour des Canards Sauvages** ou o título italiano de **Domicile Conjugal**, de Truffaut, rebatizado cinicamente **Non Drammatizzammo, è Soltanto una Questione di Corna**. E ao lado desta moda havia uma tendência profunda: a do filme político, pois os anos 60 e 70 foram períodos altamente politizados, a tal ponto que alguns não se referiam à *política* mas *ao político* (o facto político, não o indivíduo que exerce esta triste profissão). Havia filmes declaradamente políticos de todos os gostos e tipos: documentários muito sérios, obras árduas e obscuras (Godard a partir de 1968, Glauber Rocha a partir de 1970), magníficas parábolas como **Teorema** ou **Porcile**, filmes cruamente militantes e ainda outros que se destinavam ao grande público. Estes últimos foram baptizados por algumas línguas ferinas os *filmes de série z*, numa alusão a **Z** de Costa Gavras (situado na Grécia dos coronéis), considerado o modelo supremo do filme convencional que acompanha a voga do filme político. Além de outros filmes de Costa Gavras, como **L’Aveu** (situado na Checoslováquia estalinista) e **L’État de Siège** (que transpõe o rapto e a execução de um agente da CIA por guerrilheiros uruguaios), há diversos outros exemplos desta *série z*, como **Sacco e Vanzetti** (sobre os celebérrimos operários italianos emigrados aos Estados Unidos, onde foram condenados injustamente à morte), **Joe Hill** (sobre um igualmente célebre operário sueco também emigrado para os Estados Unidos e também condenado injustamente à morte), **Adalen 31** (sobre uma greve de operários na Suécia), **L’Attentat** (sobre o rapto e o assassinato, em Paris, de um oponente ao regime marroquino) e até uma peça hollywoodiana, **The Strawberry Statement** (sobre uma manifestação de estudantes), para não falarmos em filmes situados alguns séculos antes do vigésimo da era cristã, como **Giordano Bruno**. Tudo obras de digestão fácil, que permitiam ao espectador médio e mediano ter boa consciência por uma pechincha.

É exatamente isso que não é **Indagine si un Citadino al di sopra de Ogni Sospetto**, cuja narração e cuja configuração visual nada têm de linear e plana e que talvez sofra, pelo contrário, de uma tendência algo excessiva à abstração, que já se podia notar, num grau muito inferior, no filme anterior de Petri, o belo **Un Tranquilo Posto di Campagna**. Dez ou quinze minutos a menos talvez não tivessem feito mal nenhum ao resultado final, mas isto não impediu que o filme tivesse

excelentes resultados de bilheteira em Itália e em diversos países europeus. A ambição formal do realizador (que também é co-autor do argumento) é evidente. Petri não cedeu nem por um segundo à tentação de fazer um filme “popular” e à época analisou da seguinte forma o êxito de bilheteira um tanto surpreendente do filme: *“O facto é que o filme fala a todos os espectadores porque todos nós temos este tipo de relação com a autoridade. Eu próprio, como realizador, exerço poder e abuso do poder e ao mesmo tempo estou «acima de qualquer suspeita». O público adere de imediato a este primeiro nível, que é o mais visível. E ao mesmo tempo o filme, por alguns aspectos, advoga o fim de certas estruturas e super-estruturas estatais”*.

Mas, como bem diz Petri, este é apenas o primeiro nível de **Indagine si un Citadino al di sopra de Ogni Sospetto**, que vai muito além de uma crítica específica ao poder policial. Lembrando-se evidentemente de Kafka (a quem é feita uma referência específica no desenlace), Petri envereda pela abstração, o que é temerário na medida em que o cinema é pouco apto a veicular ideias abstratas, sobretudo em longas-metragens (**O Processo** de Orson Welles é um exemplo gritante). Petri não se arrisca tão longe quanto Welles e tenta manter um equilíbrio entre a parábola e o que poderíamos chamar um “envelope” realista. Os cenários pertencem ao mundo real, não o deformam nem ampliam: o apartamento da mulher, com os seus elementos *art nouveau*; o apartamento do protagonista, brilhante exemplo de arquitetura e decoração modernas, num contraste visual marcante com o da mulher; os escritórios da polícia; até mesmo os arquivos nos subsolos e as celas em que os prisioneiros são interrogados, vastas, vazias, claustrofóbicas. Alguns maneirismos (*plongés* e *contra plongés* absolutos; certos incessantes *travellings* circulares; longos grandes planos de rostos) talvez se destinem a servir de contraponto a estes cenários que não destoariam num filme mais linear, um filme policial, por exemplo. Com grande inteligência, Petri faz do homicídio da mulher quase um *ato gratuito* à Gide, pois um gesto sem explicação lógica (um crime sem motivação, em termos policiais) é um ponto de partida adequado para um filme que aborda os mecanismos do poder, núcleo a partir do qual de desenrola todo um panorama sobre um sistema baseado na obsessão de controlar, vigiar e punir. E esta sequência de abertura, diurna, quase sem diálogos, pontuada por uma música pouco melodiosa é exposta e resolvida como uma cena de filme policial: como uma cena muito concreta de um filme realista. Em breve saberemos que o criminoso é um policial, que age de maneira duplamente oposta ao que deveria ser a ação de um policial: a) comete um crime; b) ao invés de descobrir indícios, deixa deliberadamente indícios. Ao cabo de quase duas horas, chegamos a um duplo desenlace: o primeiro, repleto de diálogos, está no sonho do protagonista, cuja culpabilidade é terminantemente recusada, à sua revelia, pelo sistema para o qual trabalha. O segundo desenlace, silencioso, é aberto, tem lugar quando o protagonista acorda e vai ter com as mesmas pessoas com as quais sonhara. A própria conclusão do filme ilustra o seu aspecto polivalente e a sua dualidade, a vontade de guardar os pés no chão, apesar do excesso de elementos e de palavras que o compõem. **Indagine si un Citadino al di sopra de Ogni Sospetto** é um objeto cinematográfico sólido, que está longe de ser *datado*. Pelo contrário, é bastante atual nos tempos cada vez mais totalitários em que vivemos.

Antonio Rodrigues